



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Aline Maria de Souza Florencio¹; Girlane Rodrigues da Luz²; Maria Natália da Rocha Ribeiro Santos³; Priscylla Karollyne Gomes Dias⁴.

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

alineflorencio06@hotmail.com¹; girlane.rodrigues.23@outlook.com²; nanapotter90@hotmail.com³;
priscylla.karollyne@hotmail.com⁴

RESUMO: O artigo é resultado de uma pesquisa de caráter exploratório que buscou analisar as concepções das profissionais de educação infantil acerca da construção das identidades de gênero das crianças através das interações com brinquedos e brincadeiras. A pesquisa foi realizada com três professoras e duas Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs) que atuam em uma mesma creche da rede municipal de Recife. Considerando que a educação infantil consiste na primeira etapa de escolarização formal do sistema de ensino brasileiro, investigar como as profissionais que atuam na creche concebe a relação da atuação de seu trabalho com o desenvolvimento das crianças se torna importante para a reflexão de práticas que influenciam a reprodução do sexismo na educação. As considerações desse trabalho refletem a respeito das concepções das profissionais com quem tivemos contato, destacando a relação família-escola como espaços que estimulam formas de brincar que passam a construção da identidade de gênero das crianças atribuindo papéis sociais considerados masculinos ou femininos.

PALAVRAS-CHAVES: Brinquedos e Brincadeiras, Educação Infantil, Relações de Gênero.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta o resultado de um trabalho de investigação exploratória realizada em uma creche da rede municipal de Recife (PE), tendo como objetivo analisar as concepções das profissionais de educação infantil acerca da construção das identidades de gênero das crianças através das interações com brinquedos e brincadeiras. Considerando que a educação infantil consiste na primeira etapa de escolarização formal do sistema de ensino brasileiro, investigar



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como as profissionais que atuam na creche concebe a relação da atuação de seu trabalho com o desenvolvimento das crianças se torna importante para a reflexão de práticas que influenciam a reprodução do sexismo na educação.

No contato com o mundo, etapa de descoberta, a criança está envolvida em um ambiente repleto de valores e ideias que acompanham seu desenvolvimento e crescimento. Não somente a família irá formar um espaço educativo, mas o ambiente da instituição de educação infantil se apresentará como espaço dinâmico de socialização e aprendizagem que está pautado em uma perspectiva pedagógica sendo evidenciada seja por atividades planejadas ou por intervenções das/os profissionais em momentos espontâneos. As ações que exercem os adultos nesse espaço permite ou coíbe comportamentos da criança que confrontam o imaginário de aceitação em sociedade, que muitas vezes está pautada nas compreensões ente o que é certo e o que é errado.

Oliveira et al (2010, p. 16) comenta que “para compreender a importância do brincar hoje, é fundamental a exploração do passado, uma vez que o significado do brincar em geral permaneceu”. Dessa forma, a perpetuação de brincadeiras que se apresentam enquanto sexistas devem ser problematizadas pela instituição social (creches e pré-escolas) responsável em desenvolver uma formação plena nas crianças. Segundo Finco (2003) a ampla variedade de brinquedos na instituição de ensino assim como a experimentação de papéis sociais masculinos e femininos através das brincadeiras, por exemplo, se torna importante para perceber que as crianças ainda “não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras e, portanto, não reproduzem o sexismo presente no mundo adulto” (FINCO, 2003, p. 95).

Os brinquedos e as brincadeiras proporcionam momentos de descontração, mas também influenciam no desenvolvimento intelectual, social e cultural da criança e se apresentam como resultados de concepções históricas e sociais.

Desde o nascimento, as crianças estão inseridas num contexto social em que os objetos presentes nessa cultura exercem um importante papel para a sua socialização. O ato de brincar, então, é muito importante para o desenvolvimento das crianças, ao



mesmo tempo em que lhes possibilita relacionarem-se de várias formas com significados e valores inscritos nos brinquedos (OLIVEIRA et al, 2010, p. 21).

Para Louro (1997) é no decorrer da década de 1990 que a categoria *gênero* ganha maior ênfase, resultando numa ressignificação de conceitos previamente estabelecidos de masculinidade e feminilidade. É importante esclarecer que essa ênfase está intrinsecamente ligada à repercussão das reivindicações do movimento feminista na esfera política. A autora comenta que “as categorizações “homem” e “mulher” não devem mais ser vistas como produtos sexuais biológicos, mas, antes, como construções sociais” (LOURO, 1997, p.2).

A sala de aula da educação infantil representa desde cedo a diversidade como característica das instituições de ensino e que perpassam as relações do ensinar e aprender. As atividades lúdicas revelam que o brincar é uma representação da vida, e que é por meio dessa ação que as crianças atribuem sentido às suas experiências e relações com o mundo que as cercam (BENCINI, 2007). Dentre as orientações de organização pedagógica que compreende os objetivos gerais, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) visa o estímulo do desenvolvimento da criança, considerando sua independência e permitindo a realização de atividades que atribua ao brincar a aproximação com as diferentes linguagens e culturas, valorizando dessa forma a diversidade.

A professora de educação infantil, ao organizar as atividades pedagógicas com os brinquedos, por exemplo, deixando que as crianças tenham acesso aos brinquedos e que possam escolher qual utilizar, permite experiências com diferentes papéis e comportamentos sociais atribuídos como de meninos ou de meninas (FINCO, 2003, p. 98). Considerando que nesse espaço as crianças passam a maior parte do tempo em contato com outras crianças, convivendo com as mais distintas relações de poder, Faria (2006) observa que nesse contexto há uma forte interferência na internalização de valores, nas divisões de tarefas, e na feminilização e masculinização dos corpos sendo evidenciados nos momentos de descontração da criança. Neste sentido, a construção de uma identidade, especificamente a de gênero, está relacionada às diferenças entre os indivíduos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo Candau e Moreira (2008) as diferenças não são naturais, inatas ao indivíduo, e sim resultado de uma construção social que serve como base para a criação de hierarquias e manutenção de privilégios. No aspecto que considera a identidade de um sujeito, compreende-se também a negação do que não foi identificado, ou seja, ao ser mulher, logo não será um homem. O que ocorre é que muitas vezes o pensamento histórico-social de dicotomia conferiu espaços de superioridade e inferioridade em que foram atribuída a hierarquia entre os sexos (masculino e feminino).

Hall (1990), sobre identidade esclarece que se trata de uma construção social forjada nas relações entre os indivíduos, não sendo um fato concluído, mas sim uma produção que está sempre se construindo no cotidiano. Nesse sentido, analisando que as instituições de ensino apresentam práticas que tornam construções sociais em algo naturalizado, a seguir realizamos a análise do que comenta as profissionais a respeito de suas atuações dentro do ambiente da educação infantil.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PROFISSIONAIS?

O presente estudo se enquadra na abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001) trabalha com o universo de significados, relações sociais que envolvem valores e atitudes que não se resumem a uma quantificação aritmética. A princípio realizamos um levantamento bibliográfico para o embasamento teórico no que se refere a estudos de temas como relações de gênero, brinquedos e brincadeiras na educação infantil (BENCINI, 2007; CANDAU, 2008; CASTRO, 2013; FARIA, 2006; FINCO, 2003; KISHIMOTO, 2006; LOURO, 1997; OLIVEIRA, 2010). Quanto aos objetivos, é classificada como exploratória, pois, visa uma primeira aproximação com o tema abordado: concepções dos profissionais que atuam na educação infantil acerca da construção da identidade de gênero das crianças a partir dos brinquedos e brincadeiras, bem como analisar seus posicionamentos frente ao direcionamento de comportamentos das crianças.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O espaço de investigação foi uma creche pública localizada na cidade do Recife, e teve como participantes 3 professoras e 2 ADIs que serão aqui apresentadas com o código P (Professora) e ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil). P1 (D. S. 28 anos) e P2 (A. P. L. 44 anos) são formadas em Pedagogia e P3 (L.R, 40 anos) em Psicologia. As Auxiliares de Desenvolvimento Infantil são formadas em Pedagogia e Psicopedagogia, ADI1 (A. F. 29 anos) e ADI2 (W. L. 35 anos) respectivamente. O questionário foi utilizado como instrumento de pesquisa objetivando responder as seguintes questões: Para as profissionais quais os objetivos e a importância da educação infantil? Como ocorre a organização dos brinquedos no momento de brincadeiras? Quais os brinquedos que são utilizados com mais frequência na creche? Na interação entre as crianças, há percepção de disputa de brinquedos entre as crianças? Há interferência do adulto? De que forma? Na opinião dessas profissionais, os brinquedos e brincadeiras influenciam na internalização de papéis sociais de gênero? Como?.

As respostas foram divididas em duas categorias: fazer pedagógico e relações de gênero na educação infantil. Para as profissionais os objetivos da educação infantil estão relacionados à socialização e interação das crianças com o ensinar, compartilhar (solidariedade) e o estímulo às brincadeiras, atentando ao respeito ao outro. Apenas P3 se refere à construção da autonomia da criança, e nenhuma das profissionais aponta para a importância do cuidar e educar na educação infantil, onde Bujes (2001) alerta que tais práticas são intimamente ligadas contribuindo significativamente no desenvolvimento da criança e no seu reconhecimento como parte integrante do mundo ao seu redor.

Em relação à importância dos brinquedos e das brincadeiras na educação infantil, as participantes da pesquisa atribuíram ao brinquedo um papel mais significativo no desenvolvimento das crianças, sobretudo por acreditarem que é através do brinquedo que a criança explora o ambiente, cria e recria possibilidades facilitando o aprendizado:

ADI 2: É através do brinquedo que a criança cria e recria, cria possibilidades, inventa brinquedos e brincadeiras, em aprende a dividir e conviver.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

No pensamento de livre expressão das crianças, a organização dos brinquedos nos momentos de brincadeira, segundo P3, ocorre em um formato de “um ambiente aberto à exploração lúdica, onde as crianças possam explorar cada cantinho (Cantinho dos brinquedos com sons, com bonecos e bonecas, panelinhas)”. Quando ocorre disputa entre as crianças, duas afirmam que é recorrente tal situação, outras duas relatam que a disputa de brinquedos se dá independente da relação entre o gênero e os brinquedos, e apenas uma afirma não haver nenhum tipo de disputa.

Quanto à construção da identidade de gênero das crianças, é possível evidenciar que as profissionais da educação infantil consideram que “a formação da criança depende exclusivamente da família e seus exemplos” (P2), atribuindo os aspectos das relações de gênero como sendo compreendidos apenas pelo ambiente familiar, ficando a creche com o papel secundário, ou até mesmo inexistente nesse processo. A identidade de gênero além de ser atribuída a um fator biológico (da própria natureza) não considera as construções sociais e culturais que sustentam as desigualdades que se desenvolvem de forma aprimorada em acontecimentos futuros. Finco (2003 apud Castro 2013 p.44) tece uma discussão que vai de encontro à concepção acima evidenciada, reconhecendo que:

[...] é justamente no espaço escolar que as crianças desenvolvem “padrões de condutas e maneiras separatistas de “ser menino” e de “ser menina” [...] as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo que permanecem na escola [...].

Reconhecemos que no ambiente familiar as crianças incorporam valores e crenças transmitidas pelos seus responsáveis, vivenciam momentos nos quais são atribuídas representações do que é masculino e feminino, porém, a creche não está de fora desse processo, e os profissionais que atuam nessa área precisam problematizar essas questões. Se a construção do “feminino” e “masculino” já vem de casa, como as profissionais relatam, cabe



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

à instituição de ensino definir uma proposta pedagógica que vise problematizar a polarização entre os papéis sociais.

ADI 1: Existe um aluno que brinca de boneca no qual não ocorre interferência direta, já foi conversado com a mãe devido a situação e porque o aluno vai futuramente para outra sala, na qual já se sabe a interferência direta do professor entre os brinquedos em relação ao gênero. Acredito que a construção já é da própria natureza. Os alunos já sabem essa diferenciação.

É interessante observar que o relato acima revela que as intervenções da profissional com a família quanto à atenção no uso de brinquedos se justificam para atender a uma aceitação social plena, neste caso específico, do próprio ambiente escolar, evitando uma possível resistência da professora das séries seguintes. Estando a escola ocupando um importante papel de reprodução ou contestação das desigualdades, o que parece apresentar até aqui os relatos é uma visão de determinação natural (biológica) das identidades de gênero, estando a creche omissa nessa relação.

Nas relações das crianças com os brinquedos e brincadeiras e a internalização dos papéis sociais de gênero, P2 comenta que “os brinquedos e brincadeiras, permitem ao educador, observar as atitudes e mostrar, não o que é certo nos padrões sociais, mas o que se faz necessário para se viver bem e melhor com a sociedade”, analisando as necessárias intervenções pedagógicas quanto a um convívio harmônico na comunidade. P1 confere que “meninas procuram as panelinhas, bonecas, e os meninos carros. Alguns meninos pegam bonecas e brincam, nós procuramos não interferir e deixá-los livres”. A professora não cita nenhuma ação de intervenção, apenas relatando a situação corriqueira na creche. O que podemos observar é que as brincadeiras estão sujeitas ao estímulo provocados pelas interferências que direcionam o que é aceitável ou não (FINCO, 2003).

Todas as profissionais com quem aplicamos os questionários comentaram que nas atividades direcionadas, a escolha dos brinquedos se restringe às opções apresentadas pelas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mesmas. A brincadeira é utilizada pelos educadores/as como caminhos que tornam o desenvolvimento intelectual e social de maneira gradual. Kishimoto (2006) apresenta que essas atividades proporcionam momentos atraentes, desafiadores e prazerosos, que estimulam a participação de todos os envolvidos/as.

Compreendemos que a criança é um sujeito de interação social, situada em uma realidade formada pelas diferenças. Neste sentido, consideramos que a partir das práticas, tanto das professoras quanto das ADIs, desenvolvidas com as crianças, ocorre a inserção das crianças em um contexto complexo de relações humanas que as rodeiam.

A creche é o um ambiente social no qual a criança constrói seus conceitos iniciais a partir de sua vivência prática, relacionamento com outras crianças e com os adultos que as cercam, criando aos poucos sua identidade e formas singulares de agir. Os primeiros passos na educação infantil possibilitam um diálogo mais amplo com os atores que estão envolvidos diretamente com a criança acerca de questões que estão presentes na sociedade e que não são de fato problematizadas. Muitas vezes, ocorre o temor da instituição de ensino referente à desconstrução de conceitos estereotipados acerca do que é ser menino e do que é ser menina.

É necessário que essas profissionais questionem os papéis sociais que atribuem às características naturais ao que é ser menina e ser menino, essas atribuições tornam-se importantes desde a infância, na qual, geralmente, espera-se que as meninas sejam mais doces e obedientes e os meninos fortes e destemidos.

CONSIDERAÇÕES

O presente estudo apresenta que a instituição de educação infantil está voltada para o crescimento e desenvolvimento das crianças em convívio e aceitação na comunidade, atribuindo ensinamentos sociais e conhecimentos culturais que permitam de forma positiva as relações sociais entre os sujeitos. No que consiste à educação infantil, os brinquedos e brincadeiras ocupam um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e social das crianças,



sendo as práticas pedagógicas evidenciadas sob a forma de intervenção a respeito do que é certo ou não.

A realidade investigada apresenta que as profissionais não questionam a divisão de papéis sociais entre o masculino e feminino nas relações de gênero que são evidenciadas em situações de brincadeiras na instituição. Dessa forma, fica evidente o papel secundário da creche, que atribui, de acordo com as profissionais investigadas, ao ambiente familiar a responsabilidade pelo ensinamento das divisões de papéis entre masculino e feminino.

A creche atua de forma fundamental na internalização da divisão de papéis sociais entre meninos e meninas, seja por meio de brincadeiras, seja através da pouca exploração das profissionais acerca do tema, conformando uma situação de reprodução das divisões que já vêm do espaço familiar. As considerações em torno desse estudo apontam para a necessária reflexão das profissionais acerca de suas práticas durante a rotina de trabalho; analisando suas intervenções em comportamentos das crianças nos momentos espontâneos de brincadeiras ou através da organização do ambiente (disponibilidade dos brinquedos e atividades direcionadas).

O desenvolvimento pleno do sujeito encontrará enfrentamentos do meio social em que está inserido já que as construções sociais do que é certo ou errado estão relacionadas aos comportamentos de padrões que perpassam as relações entre os papéis sociais aceitáveis de masculino e feminino. A instituição de educação infantil, como instituição social, está permeada por valores sociais e culturais que devem abarcar o desenvolvimento das crianças em uma problematização de práticas sexistas que influenciam as práticas pedagógicas desde os anos iniciais de ensino.

REFERÊNCIAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BENCINI, R. Brincadeiras não têm sexo. In: **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº, p. 104-107, jun./jul. 2007.

BUJES, M. I. E. Educação infantil: Pra quê te quero? In: CRAIDY, C. M. e KAERCHER, G. E. P. da S. (orgs) **Educação Infantil: Pra quê te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998, vol. 1.

CANDAU, V.; MOREIRA, A. Reflexões sobre o currículo e identidade: Implicações para a prática pedagógica. In_____ **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.

CASTRO, N. M. de. **Algumas considerações acerca da identidade de gênero e sexualidade na educação infantil**. Revista Entreletras, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 35-47, jan./jul. 2013.

FARIA, A. L. G. de. **Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte**. Cadernos Pagu: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2006, p.279-288.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista ProPosições**, v. 14, n. 3 (42) - set/dez. 2003. Disponível: <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/artigos-de-periodicos/FINCO_RelacoesDeGeneroNasBrincadeirasDeMeninosEMeninas_IN_Pro-Posicoes.doc> Acesso em: 19 out 2014.

GERHARDT, T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, S. Cultura, identidade e diáspora. In: RUTHERFORD, J. (org.) **Identidade: comunidade, cultura, diferença**. UK: Londres, 1990.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org.) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2006. Cap.1, p.13-40.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M.D (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2ª ed, São Paulo: Contexto, p. 98-112,1997.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, M. V. de F. **Brinquedos e brincadeiras populares: identidade e memória**. IFRN Editora: Natal, 2010. 2 ed.